

O CHAMADO QUARTO DE BARBUDA E O PROBLEMA DAS LETRAS MONETÁRIAS*

por MARIO GOMES MARQUES

Em 1895, Leite de Vasconcellos¹⁰ descreveu uma moeda que observara no Museu Municipal de Alcácer do Sal e lhe parecera representar variante inédita de meia barbuda, ilustrando a descrição com um desenho de qualidade razoável, provavelmente executado a partir de decalque. Apesar da invulgaridade da face oposta à da celada, esquartelada por cruz lisa cortando a legenda e cantonada por quatro letras, decorreu mais de meio século sem que os numismatas atribuissem particular atenção à descoberta do ilustre arqueólogo, cabendo a Ferraro Vaz¹² o mérito de ter retomado o seu estudo. Com base no peso e no módulo, concluiu não se tratar de uma meia barbuda, mas antes do único exemplar então conhecido de uma outra denominação da mesma série, o «quarto» de barbuda, de que as emissões teriam sido precoces e que, talvez por motivo de falsificações frequentes e para fins de mais fácil diferenciação, cedera lugar ao pilarte, com idêntico valor intrínseco.

Ferraro Vaz¹², que documentou o seu trabalho com a transcrição, na íntegra, da nótula descritiva original, subscreveu, sem reticências, a interpretação das letras que cantonam a cruz como elementos do toponímico Porto e, por conseguinte, a do seu conjunto, como fórmula indicativa do local de cunhagem. Contudo, o exame atento da moeda em causa e, bem assim, elementos colhidos através do estudo de um outro exemplar de «quarto» de barbuda, representativo de variante até agora inédita,

(*) Embora o estudo metrológico da série saia fora do âmbito do presente trabalho, é necessário notar que a fracção em causa nunca deve ter representado um quarto da moeda que usualmente se designa por barbuda. Na verdade, atendendo aos teores em prata dos três elementos que constituem a referida série (os valores reais para os exemplares conhecidos, supondo cumprida a lei de três dinheiros, são $19,7 \pm 1,7$ grãos, $9,8 \pm 0,9$ grãos e cerca de 4 grãos), é evidente que a fracção menor representa apenas um quinto do elemento de maior valor, enquanto que o pilarte é, de facto, uma moeda com valores intrínseco e legal correspondentes aos de um quarto de barbuda. Assim, não repugna admitir que, na época das emissões iniciais, as moedas hoje conhecidas, em gíria numismática, por barbudas, meias barbudas e «quartos» de barbuda, tivessem sido designadas, respectivamente, como barbudas de vinte soldos, barbudas de dez soldos e barbudas de quatro soldos.

alargam ligeiramente a partir do centro, terminam em extremidades pouco marcadas, com topos rectilíneos. A cruz é cantonada pelas letras Q, A, T e P, do seguinte modo:

Q	A
T	P

A legenda, FER—N(AN)—DVS—REX(:), está, como no anverso, desenvolvida em sentido horário, entre duas grafilas, concêntricas, de pontos.

Peso — A determinação efectuada revelou o valor de 0,78 g, ligeiramente inferior ao encontrado por Ferraro Vaz (0,82 g).

Módulo — O módulo é de 19 mm.

Liga — Não foi possível realizar qualquer ensaio esclarecedor da liga desta moeda, que parece ser de bolhão com baixo teor de prata.

EXEMPLAR N.º 2

Anverso — Apresenta características quase inteiramente sobreponíveis às descritas a propósito do anverso do *exemplar n.º 1*, embora não possa haver dúvidas de que os dois anversos foram obtidos com cunhos diferentes, como se conclui da simples comparação das legendas. De facto, a distância que separa o I da palavra AIVTOR dos pontos colocados à esquerda da cruz é, no caso do exemplar n.º 2, excessiva para comportar apenas uma letra, o que sugere a leitura +(SID)OMINVS:MICHI:AI(VT): para a correspondente legenda.

Reverso — As características do reverso são, também, quase inteiramente sobreponíveis às do reverso do exemplar antes descrito, mas, tal como acontece com os anversos, estão

em causa cunhos diferentes, o que facilmente se comprova, sem necessidade de recurso a pormenores, pela diversidade das legendas e da ordenação das letras que cantonam a cruz. No *exemplar n.º 2*, a ordenação obedece ao seguinte esquema:

Q	A
P	T

A legenda, FE(R) — NA(N) — DVS: — REX:, inscrita entre duas grafilas, concêntricas, de pontos e cortada pelos braços da cruz, está, como habitualmente, desenvolvida em sentido horário.

Peso — No seu estado actual, mutilado, este exemplar pesa 0,70 g, o que permite supor que tenha pesado, quando intacto, cerca de 0,75 g.

Módulo — Quase não ultrapassa os 18 mm, sendo, portanto, muito ligeiramente inferior ao do *exemplar n.º 1*.

Liga — Dada a impossibilidade de se proceder a uma análise por activação com neutrões em reactor nuclear, o estudo da liga foi limitado ao exame semiquantitativo da superfície, pelo método da espectrometria de fluorescência de raios X (Hall⁴, Hall e Metcalf⁵). Este exame permite afirmar que a liga é predominantemente constituída por cobre e prata e, embora com as maiores reservas, atendendo às variações de enriquecimento da superfície, que a proporção entre os dois metais é, em termos grosseiros, da mesma ordem de grandeza das verificadas em algumas barbudas de Lisboa, que se utilizaram para comparação.

COMENTARIOS

Mais que pela sua raridade, as moedas até agora denominadas de «*quartos*» de *barbuda* são merecedoras da atenção dos estudiosos

pelo facto de reunirem algumas características que permitem adiantar novas hipóteses sobre determinados problemas da complexa numária da época a que pertencem, nomeadamente o das letras monetárias. Infelizmente, as fontes escritas referentes a tal problema, além de não coevas das cunhagens, são pobres em dados e, em não poucas passagens, de interpretação duvidosa, mencionando apenas determinadas localidades onde terão funcionado casas da moeda e caracterizando muito deficientemente as espécies. Deste modo, o estudo directo dos numismas, mesmo quando não conduz a conclusões definitivas, como acontece no caso vertente, assume particular interesse para o conhecimento da matéria, visto constituir o único recurso para o preenchimento das numerosíssimas lacunas da informação documental.

O uso de letras e outros símbolos, para identificação das casas da moeda, definição das épocas de emissão e finalidades acessórias, como, provavelmente, as de individualização das oficinas e funcionários responsáveis pela cunhagem, foi prática corrente durante o reinado de D. Fernando. Embora esteja por realizar o estudo sistematizado que, relativamente à sua numária, a importância do assunto exige, foi fácil, no tocante às letras destinadas a identificação das casas da moeda, estabelecer, para a maioria dos casos, correspondências inequívocas com as localidades em que, segundo as fontes escritas, terá havido cunhagem em nome daquele rei. De facto, dado que a carta régia de 4 de Março de 1370 ⁷ e a lei sobre moedas de 8 de Fevereiro de 1378 ⁸ permitem, entre outros documentos, concluir pela laboração das casas da moeda de Lisboa e do Porto durante a maior parte, senão a total duração, do reinado de D. Fernando e tendo em conta o artigo 34.º das cortes de Lisboa de 1371 ⁹ e a informação de Fernão Lopes ⁶ de que o referido monarca «... mandou fazer moeda dos seus sinaaes douro e prata, e graves e barvudas em alguns logares que sua voz tomarom, assi como em Çamora, e na Crunha, e em Tuy, e em Vallemça, e em Miramda...», é razoável estabelecer tais correspondências relativamente a nada menos de sete localidades, quaisquer que sejam as correcções que se pretendam da grafia e localização de algumas (Leite de Vasconcellos ¹¹).

Assim, e considerada apenas a série das barbudas, o confronto dos exemplares conhecidos com as informações documentais permite definir, entre letras monetárias e casas da moeda, as correspondências que se resumem no *Quadro I*.

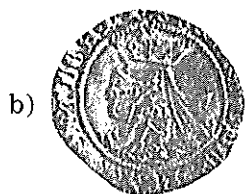
QUADRO I

LETRAS MONETARIAS	CASA DA MOEDA
P ; Ṗ ; Ṗ ; Ṗ Ṗ ; P O ; P O R T	Porto
L	Lisboa
Ç A	Çamora
CR V	Crunha
T ; Ṫ	Tuy
M	Miramnda
Q	?

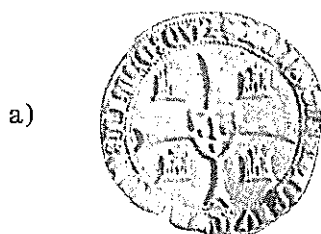
Nota: — O traço vertical indica a posição da celada relativamente à letra ou letras.

Da análise do *Quadro I*, em que não foi incluída a *Vallemça* referida pelo cronista por se desconhecerem exemplares da série em causa cujos sinais autorizem a atribuição a tal localidade, ressalta o facto de apenas a letra Q, entre as usadas com a finalidade provável de servirem como identificação das casas da moeda emissoras, não ser passível de relação directa com qualquer dos burgos em que se presume terem funcionado oficinas monetárias. Por esse motivo, a origem dos exemplares que a exibem continua a ser altamente problemática, visto não se afigurar plausível a hipótese da sua atribuição a Cória, aventada por Batalha Reis ⁸ a propósito de um meio tornês, em que um símbolo, que interpretou como sendo a referida letra, ocupa o arco de círculo limitado pela grafila interior e pelo chefe do escudo. As razões que contrariam tal hipótese foram detalhadas por Pinto Garcia ⁹, em crítica que dirigiu ao seu autor e em que adiantou a convicção, também pouco plausível, de que o símbolo seria um dos indicativos da casa da moeda da Corunha. De facto, se é certo que não existem referências documentais a cunhagens efectuadas em Cória e que são difíceis de conceber as relações entre o

ANVERSOS



REVERSOS



Tipologia comparada de algumas barbudas: *a*: — exemplar com a letra Q no anverso, existente no Prentenkabinet der Rijksuniversiteit te Leiden; *b* — barbuda cunhada em Tui; *c* — barbuda cunhada em Samora.

toponímico e uma grafia iniciada pela letra Q, também não é menos verdade que a ligação desta letra à Corunha, assente na coexistência com um castelo, que constitui motivo central de uma das faces da moeda causadora do debate, parece insustentável, em bases lógicas, visto o mesmo motivo ter sido utilizado em torneses de proveniência diversa.

Para além do meio tornês, mal conservado, descrito por Batalha Reis e de outros semelhantes, as moedas, até agora conhecidas, em que se identifica, em alguns casos com reservas, o símbolo em discussão, podem ser inventariadas do seguinte modo:

- (a) *Barbuda* existente no Prentenkabinet der Rijksuniversiteit te Leiden, reproduzida por Engel e Serrure ³ como exemplo ilustrativo de tipo (fig. 1890 do seu tratado, hoje clássico), catalogada por Ferraro Vaz ¹³ com o n.º Fe. 90 e por Batalha Reis ⁹ com o n.º 88 de D. Fernando — símbolo, indiscutível, no campo do anverso, à esquerda da celada.
- (b) *Barbuda* reproduzida por Batalha Reis ⁹ e catalogada, pelo mesmo autor, com o n.º 89 de D. Fernando — símbolo, quase imperceptível na reprodução, no campo do anverso, à esquerda da celada.
- (c) «*Quarto*» de *barbuda* existente no Museu Municipal de Alcácer do Sal, descrito pela primeira vez por Leite de Vasconcellos ¹⁰ e de novo descrito, com correcções, no presente trabalho, como *exemplar n.º 1* — símbolo no segundo quadrante do campo do reverso, indiscutível apesar da fraca impressão da cauda.
- (d) «*Quarto*» de *barbuda*, representativo de variante até agora inédita, descrito, como *exemplar n.º 2*, no presente trabalho — símbolo no segundo quadrante do campo do reverso.
- (e) *Pilarte* da colecção Fontes Pacheco — símbolo, duvidoso por quase circular e com apêndice de dimensões reduzidas, no campo do anverso, acima e à esquerda da coroa.

Dado que a letra P do campo do anverso não deixa margem para dúvidas quanto à justeza da atribuição, às oficinas monetárias do Porto, da responsabilidade pela emissão dos dois exemplares de «quarto» de

barbuda e uma vez que o pilarte da colecção Fontes Pacheco, por ostentar o diferente L, pode ser atribuído, também sem margem para dúvidas, ao trabalho das oficinas monetárias de Lisboa, é legítimo concluir que somente no caso das barbudas, em cujos aversos e reversos não existem outras letras no campo, o símbolo Q poderá representar a assinatura da casa da moeda emissora.

Ora acontece que tais moedas se aproximam, pelo estilo, das barbudas provenientes de Samora, sobretudo de algumas, não publicadas, com escudo e camal sob o elmo, enquanto que pelas legendas, aliás anómalas, se aparentam com as barbudas oriundas de Tui. Contudo, considerados os aspectos morfológicos do elmo e o tipo hospitalário da cruz do reverso, o parentesco com as primeiras parece mais íntimo, o que conduz a contemplar a hipótese de que as barbudas com a letra Q no campo do anverso possam ser as raras sobreviventes de pequenas emissões cunhadas em Samora durante o curto domínio português.

Supondo verdadeira a hipótese, é razoável supor, como motivo determinante da abertura do diferente Q em alguns cunhos, um simples erro de alguns gravadores não familiarizados com o símbolo Ç constante dos esboços ou instruções escritas que lhes serviriam de orientação. Devido ao facto, esses gravadores teriam confundido o referido símbolo — que talvez se apresentasse quase ou mesmo completamente fechado, como tantas vezes acontecia na grafia medieval — com a letra Q, de uso corrente, e, conseqüentemente, teriam aberto o incuso que lhe corresponde nos cunhos que viriam a servir para bater aquelas emissões.

A teoria assim concebida tem ainda a vantagem de abrir caminho para a interpretação do significado do símbolo Q do reverso dos exemplares de «quarto» de barbuda, onde, considerada a existência do P do anverso, não é admissível que indique a casa da moeda responsável pela cunhagem, embora possa, tal como nas barbudas e pelas razões adiante expostas, indicar aquele toponímico. De facto, uma vez que a leitura correcta (*) revelou que, nos dois exemplares, a cruz está cantonada pelas letras Q, A, T e P, é forçoso concluir que, independentemente da ordenação que se lhes pretenda dar, as mesmas nunca formam sequência lógica para a abreviatura do nome de qualquer das localidades relacionadas com a cunhagem da época. Contudo, o problema ganha outra perspectiva

(*) — Fontes Pacheco pensa que a letra do terceiro quadrante do exemplar n.º 2 será um R e não um P. O conjunto das letras representaria, nesse caso, a abreviatura de **quarto** ou **quatro**, indicando, portanto, o valor da moeda. Estaria assim em causa uma inovação na numária portuguesa, insólita para a época.

desde que se ponha de lado a ideia de que as quatro letras em causa fazem parte de uma só palavra e desde que se recorde ter sido prática corrente, ao longo do século XIV, a continuação no campo de legendas iniciadas na orla, prática de que há numerosos exemplos na numária francesa, nomeadamente na de João IV de Montfort, duque da Bretanha, cujas relações com a numária de D. Fernando se afiguram merecedoras de estudo pormenorizado.

Tendo isso em mente, não custa admitir que, impossibilitados, pela limitada dimensão da orla dos «quartos» de barbuda, de aí inscreverem a extensa titulação de que o rei então orgulhosamente se arrogava, os gravadores tenham optado pela sua continuação no campo, recorrendo às *litterae singulae* e às abreviaturas por suspensão e usando P para Portugal, A para o Algarve, Q, por confusão com Ç, para Samora e T para Tui, ou, o que parece mais provável dada a ordenação das letras no *exemplar* n.º 2, usando P para Portugal, Q A para Samora e T para Tui.

O significado assim atribuído à letra Q não tem, como é evidente, aplicação no caso do sobredito pilarte, em que o símbolo que se lhe assemelha, pela posição que ocupa, deve corresponder apenas a mais um dos numerosíssimos sinais inscritos, com finalidade ainda desconhecida, no campo de muitas das espécies cunhadas em nome de D. Fernando e de que os graves e pilartes constituem os mais vastos repositórios.

De resto, mesmo no caso das barbudas e dos «quartos» de barbuda, a explicação sugerida é, evidentemente, passível de críticas, entre as quais avultam a da improbabilidade de um mesmo erro se repetir em casas da moeda muito distantes e a de pressupor o uso esporádico do título de rei ou senhor de Tui, que não se repete em qualquer outra espécie monetária. A primeira das objecções mencionadas não tem, ao contrário do que possa parecer, um grande peso, visto que os motivos apontados para o engano permitem, sem constrangimento, admitir que nele incorressem diversos artistas e dado que o carácter itinerante do exercício de funções de muitos dos mestres gravadores medievais obriga a considerar a possibilidade de conexões íntimas entre diversas oficinas monetárias, estabelecidas ao nível do pessoal mais directamente relacionado com a abertura dos cunhos. Pelo contrário, a segunda objecção é, sem dúvida, difícil de minimizar, embora se possa supor que, abandonada a solução das abreviaturas no campo, a posição relativamente secundária de Tui não obrigasse a tentativas de inclusão do seu nome em orlas que mal comportavam outros títulos reputados de mais importantes. De qualquer modo e

com todas as reservas que se lhe anteponham, a hipótese expendida tem o mérito de justificar, em termos coerentes, alguns problemas que não encontravam explicação satisfatória através das doutrinas anteriormente adiantadas sobre a matéria.

S U M M A R Y

Although the first description of an anomalously light coin of the *barbuda* series, with atypical reverse quartered by a long cross with letters in the angles, and first considered as a half-*barbuda*, was made in 1895, it was only in 1952 that it was reinterpreted as the unique known specimen of a quarter-*barbuda*. Both in the original description and in the second paper on that coin, the letters were read ORPT and considered to be the signature of the Oporto (Porto) mint.

However, metrological considerations suggest that the above mentioned specimen is not the quarter but the fifth of the *barbuda*. Moreover, the close examination of that coin and the study of an until now unpublished variety of the same denomination revealed that the letters read QAPT and QATP, which renders impossible their interpretation as the signature of the Oporto mint.

Reasons are given for the assumption that the letters are probably a *littorae singulae* type of abbreviated royal titles, spread over the field as a consequence of the small space available in the legend. According to this hypothesis QA would stand for Çamora, the Q being opened in error by die-cutters not familiarized with the symbol Ç, the letter P would stand for Portugal and T for Tui, or, alternatively, Q would stand for Çamora, A for Algarve, P for Portugal and T for Tui.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Aragão, A. C. Teixeira de — Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal, 2.^a ed., Liv. Fernando Machado, Porto, 1964.
- 2) Engel, A. e Serrure, R. — Traité de Numismatique du Moyen Age, 2.^a ed., Arnaldo Forni Ed., Bologna, 1964.
- 3) Garcia, L. Pinto — Moedas da Corunha, Nummus 2:13, 1954.
- 4) Hall, E. T. — X-ray fluorescent analysis applied to Archeology, Archaeometry 3:29, 1960.
- 5) Hall, E. T. e Metcalf, D. M. (ed.) — Methods of chemical and metallurgical investigation of ancient coinage, Royal Numismatic Society Special Publication, Number 8, London, 1972.

- 6) Lopes, Fernão — Crónica do Senhor Rei Dom Fernando, Nono Rei destes Regnos, Liv. Civilização Ed., Biblioteca Histórica — Série Régia, Porto, 1966.
- 7) Peres, D. — História dos moedeiros de Lisboa como classe privilegiada, Tomo I — Privilégios, Academia Portuguesa de História, Subsídios para a História portuguesa, vol. 8, Lisboa, 1964.
- 8) Reis, P. Batalha — Raridades numismáticas, Separata do Boletim do Grupo Alcaides de Faria, Comp. Editora do Minho, Barcelos, 1949.
- 9) Reis, P. Batalha — Preçário das moedas portuguesas de 1140 a 1960, 2.^a ed., Liv. Fernando Machado, Porto, 1964.
- 10) Vasconcellos, J. Leite de — Excursão Archeologica a Alcácer do Sal, Archeol. Portug. 1:86, 1895.
- 11) Vasconcellos, J. Leite de — Numismática. Se há moedas de Miranda do Douro, Archeol. Portug. 22:105, 1917.
- 12) Vaz, J. Ferraro — Moedas de D. Fernando. Um quarto de barbuda da oficina monetária do Porto, Nummus 1:49, 1952-1953.
- 13) Vaz, J. Ferraro — Numária medieval portuguesa, Lisboa, 1960.

AGRADECIMENTO — A análise da liga do exemplar inédito de «quarto» de barbuda só foi possível graças à colaboração do Exmo. Senhor Eng.º J. M. Peixoto Cabral, do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, a quem, pelo facto, desejamos expressar o nosso mais vivo reconhecimento.

